

PROJETO DE RESERVA

"BELÉM DO SOLIMÕES"

PARA A TRÍBO TIKUNA.

No dia 5 de junho de 1974, seis chefes indígenas da tribo Tikuna (Rai + mundo Salustiano, Cajuja da Silva, Nilo Zaguri, Samuel Ramos, Pedro Geraldo Albino e Pedro Severiano), se reuniram em Belém do Solimões com Frei Arsênio Sampalmieri (encarregado da Prelazia do Alto Solimões junto aos índios Tikuna) e o Pe. Egydio Schwade (Secretário Executivo do Conselho Indigenista Missionário), e se queixaram das atropelias que vem sofrendo por parte de pretensos "Patrões" das terras há séculos ocupadas pelos Tikuna. Durante o encontro os mesmos chefes apresentaram a seguinte PROPOSTA DE RESERVA, para dar fim aos sofrimentos que o povo Tikuna vem passando há anos por motivo da insegurança de suas terras:

LIMITES DA "RESERVA DE BELÉM DO SOLIMÕES".

"INICIANDO PELA DESEMBOLADURA DO IGARAPÉ SANTA RITA DO WEIL, SUBINDO POR ESTE ATÉ A SUA NASCENTE. DALI EM LINHA RETA RUMO NOROESTE ATÉ A FRONTEIRA COM A COLOMBIA, SEGUINDO O LIMITE COLOMBIANO RUMO LESTE ATÉ O IGARAPÉ TACANA. PELO IGARAPÉ TACANA DESCENDO ATÉ A SUA DESEMBOLADURA NO RIO SOLIMÕES. FINALMENTE, PELO SOLIMÕES, ATÉ A FOZ DO IGARAPÉ SANTA RITA DO WEIL."

TIKUNA DO ALTO SOLIMÕES

Com a finalidade de fornecer uma visão melhor da problemática Tikuna no Alto Solimões, a fim de poder apalpar a importância da criação da Reserva de "Belém do Solimões"; apresentamos a seguir relatório sobre a atual situação dos Tikuna.

1. DADOS GERAIS

A) Localização: Presentemente os Tikuna, ou Tukuna, se localizam em território peruano, colombiano e brasileiro. No território brasileiro os encontramos nos Municípios de Benjamin Constant, S. Paulo de Olivença e Sto. Antônio do Iça, sendo que a maior parte está localizada no Mun. de S. Paulo de Olivença, / "...tendo suas maiores concentrações nos igarapés Mariuaçu, Tacana, Belém, S. Jerônimo (Vendaval) e Sta. Rita do Weil". (Roberto Cardoso de Oliveira, "Índio e o Mundo dos Brancos", pgs. 43 e 51)

As primeiras notícias dos Tikuna em terras brasileiras datam do fim do séc. XVII. Em 1689 o Pe. Samuel Fritz, jesuíta, fundou a primeira Missão entre os Tikuna, denominando-a de S. José do Javari, situava-se na localidade que atualmente se chama de Benjamin Constant. "Ao longo dos sécs. XVIII e XIX, todos os viajantes que percorreram o Rio Solimões nos falam dos Tikuna. Acuña, os Padres / José de Moraes, Monteiro Noronha. Além de Ribeiro Sampaio, Pires Casel, Lister / Marx, Caselnau, Walter Bates..." (R.C.O. o.s.c. pg. 47), ainda von Martius, Spix, etc

Todos estes informantes situam a tribo Tikuna entre Tabatinga e São Paulo de Olivença. De todas as tribos daquela área, citadas por estes autores, como, Pebas, Omáguas, Panos, Kokamas, Katukinas, Majorunas, etc. só os Tikuna mantiveram até os nossos dias a sua própria identidade étnica, costumes tribais e unidade territorial. Primeiramente moravam nos igarapés, hoje estão espalhados em / sua maioria pela costa ribeirinha do Solimões.

Seu território, exatamente aquela área que os seis chefes reunidos em "Belém do Solimões", estão reivindicando para a tribo, foi, pelo menos até o início deste século, respeitado e reconhecido até pelos "patrões" da região / como território tribal dos Tikuna. O arquivo da Prelazia do Alto Solimões guarda uma carta dum herdeiro do Sr. Ramalho Mafra, um dos primeiros "proprietários" da localidade de Belém do Solimões, na qual reclamava contra o requerimento do Igarapé Belém por parte dos filhos, e dizendo que o velho Ramalho nunca quis / que aquelas terras fossem requeridas, pretendendo que permanecessem dos indígenas.

Hoje as beiras do Rio Solimões e terras das desembocaduras, estão / ocupadas por "patrões, que se estabeleceram sobretudo nas bocas dos igarapés, / por serem pontos estratégicos para a passagem dos Tikuna, moradores daqueles igarapés. Assim através dum regime "alfandegario", instaurado nos seus barracões localizados nas bocas dos Igarapés, controlam até hoje o comércio dos Tikuna, sub

jugando-os a um regime de semi-esclavidão e expondo a fama do país ao vexame naquela área fronteiriça. O Tikuna está ali em tal situação de opressão, que se rejete a si mesmo. Não deseja mais ser chamado de Tikuna. A situação observada há dez anos por Roberto Cardoso continua atualíssima: "O caboclo na área tomada para investigação é o Tikuna transfigurado pelo contato com o branco. O caboclo é, assim, o Tikuna vendo-se a si mesmo com os olhos do branco, isto é, como intruso, indolente, traiçoeiro, enfim como alguém cujo único destino é trabalhar para o branco." (O.s.cit. pg.83).

B) Assistência: 1) FUNAI - A FUNAI se faz presente no Posto Indígena de Mariaçu, através de duas pessoas: o chefe do Posto, Sr. Almir de Barros Torres e um auxiliar.

2) EXÉRCITO E MARINHA - O Exército marca presença sobretudo no posto de Mariaçu, mantendo ali as 5 professoras do grupo. A Marinha presta intermitente assistência médico-dentária às aldeias ribeirinhas do Solimões.

3) MISSÃO BATISTA - Assiste os grupos de Sta. Rita do Weil e Betânia. Na educação utiliza-se de indígenas bilingues. Mantém uma boa assistência sanitária curativa e preventiva.

4) PRELAZIA DO ALTO SOLIMÕES - (P.A.S.) a. Aldeia Feijoal: 3 professoras, e 3 professores. Uma das professoras é também enfermeira. Dois dos professores são bilingues.

b. Belém do Solimões: Pe. Arsênio Sampalmieri, encarregado do setor Indígena da P.A.S. e mais 6 professoras, uma das quais é também enfermeira atendente.

Quadro de pessoas encarregado por parte da P.A.S. para assistência aos Tikuna:

D. Adalberto Marzi (bispo), os Freis Arsênio, Ciro e Benigno e Professôras: Isaltina Rodrigues Barbosa, Felicidade Casti, Rosa Oliveira Seabra, Dinair Mateus Damasceno, Lindinalva Amorim, Selma Tourinho de Souza, Assunta Vieira da Costa, Bonifácia Baliero, Francisca Tenasor.

C) Atendimento Sanitário - A FUNAI tem ali no posto de Mariaçu o chefe do Posto e seu auxiliar, que, a par de todos os afazeres da administração do P.I., fazem de atendentes de enfermagem. A Marinha colabora com um atendimento ocasional, sobretudo fornecendo às enfermeiras da Prelazia do Alto Solimões medicamentos necessários para o atendimento sanitário nas aldeias de Feijoal e Belém do Solimões. Prestam, outrossim atendimento médico dentário aos Tikuna. Os medicamentos que a Prelazia aplica na saúde dos índios, provém além da Marinha, da FUNAI e de donativos particulares através do Hospital Sta. Isabel de S. Paulo de Olivença, pertencente à mesma P.A.S.

Em Belém do Solimões o atendimento sanitário é prestado em forma de uma incipiente cooperativa de consumo, ou seja do PASE (Posto de Assistência Sanitária de Emergência), entidade criada pelos moradores indígenas da localidade através do incentivo do Pe. Arsênio e das professoras.

Não há no momento medicina preventiva sistemática na região,. Houve pequenas iniciativas neste sentido promovidas nos postos de Belém e Vui-uata-im da Prelazia, bem como, nos Postos da Missão Batista.

Não tendo havido uma medicina preventiva a situação sanitária dos Tikuna tem ficado bastante estacionária nos últimos anos. Epidemias periódicas de gripe e sarampo, sempre continuam fazendo as suas vítimas. As habitações, entretanto, estão em razoáveis condições. São geralmente feitas de tábuas e cobertas de palha. A saúde tem sido ultimamente prejudicada pelo movimento da Cruz, do que falaremos mais adiante.

D) Educação: - Na aldeia de Belém as aulas são dadas na língua portuguesa, utilizam-se as professoras de alunos bilingues para se fazer compreender / melhor. Na localidade de Feijoal, as professoras encontram menos dificuldades para se fazerem entender, pois há muitos alunos bilingues em boas condições de prestar auxílio na educação. Ambas as escolas estão sob a responsabilidade da P.A.S e vem dando aulas em dois turnos. Em Belém, há sete classes diurnas. O Mobral, / funcionava no ano passado com grande sucesso, teve que ser suspenso, por falta / auxílio. Em Mariuçu a escola está á cargo do Exército, como já vimos acima. Em / Sta.Rita do Weil a escola está funcionando sob a responsabilidade da Missão Ba- / tista e há maior participação dos Tikunas, do que nas demais, pois os profes- / res ali são em sua maioria Tikunas. A desvantagem é o proselitismo, sendo as au- / las rigidamente confessionais. Em Vui-uata-im a Prelazia teve que retirar suas / professoras, por motivos que daremos mais adiante. O mesmo sucedeu no Vendaval / onde o Prof.Raimundo Mafra, foi expulso durante o ano escolar pelo "patrão" Beré / dito Mafra.

E) Subsistência: A base é a pesca e a agricultura. Os Tikuna tem geralmente ali- / mentação razoavelmente suficiente, exceto no período de dezembro a / a março, quando escasseia a pesca. Nos últimos dez anos a situação dos Tikuna no / que toca a alimentação e mesmo a situação geral tem melhorado um pouco, embora / quanto as terras a situação permanecesse estacionária. A melhoria se deve sobre- / tudo ao contato maior com os centros de Letícia(Colombia) e Benjamin Constant / (Brasil), onde puderam vender e adquirir melhor. Este contato foi facilitado pela / iniciativa dos índios de se transferirem do interior dos igarapés para a beira / do Solimões. O mesmo, porém, não tem ocorrido lá onde subsiste o sistema de "rio / fechado" - isto é, dos igarapés dominados por um "patrão" que mora na boca do / mesmo - como sucede por exemplo no Vendaval.

F) Comércio:- Os Tikuna fazem o seu comércio quase exclusivamente com os brancos, / não se verificando comércio entre eles, nem mesmo de troca. Em Mariuçu, o comércio do artesanato é controlado pela FUNAI.

Em Belém do Solimões, o Pe.Arsênio e as professoras organizaram uma / pequena cooperativa de consumo, restrita praticamente aos medicamentos. Atualmen- / te estão planejando transformá-la também em cooperativa de produção e consumo, / para o que já estão treinando Tikunas. Não desejam orientá-la eles mesmos, a fim / de não se expôr a criar uma nova forma de dependencia do branco.

A compra é feita geralmente em forma de troca. O dinheiro serve apenas como ponto de referência para o valor das mercadorias. Em Mariuçu o chefe local da Funai adotou o sistema de "vales" - segundo nos foi informado por pessoas do Projeto Rondon.

Existem poucos Tikunas assalariados. Há, porém, "patrões" que se valem periodicamente da mão de obra indígena, particularmente, na agricultura. Alguns fazendeiros começaram a empregar o Tikuna como peão nas derrubadas, visando a criação de gado. As consequências inerentes a esta nova situação do indígena, não necessitam de esclarecimentos. Sobretudo, em Feijoal e Belém do Solimões, percebe-se que o Tikuna se vem afirmando frente ao civilizado, rompendo a situação de domínio em que normalmente vivia. Isto é sem dúvida, um resultado positivo da presença da Prelazia ali. Esta consciência crescente no meio dos Tikuna, conduzirá a sempre maiores choques com o branco, caso não se tomarem urgentes providências de delimitação duma reserva para a tribo.

G) Composição e localização dos Grupos-:

<u>Nº de Ord.</u>	<u>Aldeias</u>	<u>Nº aproximado de Tikunas</u>	<u>Município</u>	<u>U175</u>	<u>B ±</u>
1	(Mariuçu)	2.000	Benjamin Constant	1117	
2	(Feijoal)	422	São Paulo de Olivença	442	450
3	(Belém do Solimões)	1.500	"	1.309	1.200
4	Bananal	200	"		200 Dico
5	Grajari (Alp.)	100	"	93	100 Dico
6	Vendaal	800	"	732	800
7	Sta. Rita do Weil	2.000	"	76	1.200
8	Tacana	250	"		
9	Igarapé Belém	150	"	231	150
10	(Vui-uata-im (N. Itália))	500	"		450
11	Aueti-Paraná	200	Fonte Boa		4
12	Betânia (A. 1. (A))	1.000	Sto. Anicnio do Iça		
13	R. Jacurapá (A. 1. (A))	210	"		
14	Rio Içá	300	"	151	1.500
15	Tikunas esparsos	1.500			
Total		11.132			

2. PRINCIPAIS PROBLEMAS

A) A terra - A libertação do Tikuna da dominação dos "patrões" poderá acontecer quando se transformar a estrutura agrária regional, alterando substancialmente o estatuto da terra e a divisão social do trabalho, e afetando a dialética das relações entre a situação de classe e a situação étnica. Na imponderabilidade de sua atual situação e firmado em sua experiência histórica, o Tikuna sabe que pouco pode esperar do branco regional." (R.O.O. O.s.cit. pg.124) "O branco, com sua presença na área e com o poder que conseguiu concentrar em si, alcançou resu

ltados espetaculares como o de desfigurar a consciência do índio, fazendo-o sentir-se um intruso em sua própria terra. (Idem. pg.94)

A ausência de um chão que seja seu e no qual possa trabalhar livre/tranquilamente é o principal problema dos Tikuna. É o problema gerador de toda a insegurança em que se debate a tribo. Na reunião que fizemos no dia 5 de junho / com os 6 chefes de Belém de Solimões, o problema terra, apareceu de imediato como a principal preocupação do momento.

Em Feijoa, em Belém, Vendaval, e até em Mariuaçu, o Tikuna se sente dependente por não possuir terra própria. Em todo o território Tikuna, apesar de sua presença secular foram-se estabelecendo "patrões" (fazendeiros) que de uma forma ou de outra manifestam o seu domínio sobre as terras e as pessoas dos Tikuna. Estes "patrões" chegam a usar o P.I. de Mariuaçu, onde também ainda não há terra demarcada, para os indígenas, nem há condições para uma reserva suficiente para a subsistência da tribo - contra os Tikuna insatisfeitos com o tratamento, muitas vezes escravo, que mantém sobre os índios. Dizem: "Terra de índio, é Mariuaçu", quem esta insatisfeito que vá para lá".

As terras atualmente habitadas pela maioria dos Tikuna está sob o / controle de praticamente um só grupo familiar. Nestas terras os Tikuna se sentem impotentes, sem direito e explorados, não podendo com liberdade usar, nem da terra, nem de suas riquezas naturais e tendo que assistir inertes, a exploração das mesmas por um punhado de brancos. Perderam até o direito de caça e pesca.

- B) Dominação psicológica e econômica - "As figuras de "capitão" marcam o oportunismo com que alguns membros da sociedade dominada buscam partilhar do poder e do prestígio junto à sociedade dominante. Estas figuras que constituem, em última análise elementos-chave na preservação do domínio / do branco são em regra, paradoxalmente, pessoas capazes de desenvolver uma consciência crítica da situação de contato, sem, no entanto, serem capazes de liderar um movimento de libertação, presas que estão, graça a uns poucos privilégios nas malhas da sociedade regional envolvente. Os movimentos de libertação tendem / então a serem transpostos para um plano mítico-religioso, engendrado por uma consciência ingênua da situação de contato, como se pode ver pela análise dos surtos messiânicos." (R;Card. de O. O.s.cit. pg.103).

"O messianismo Tikuna constitui uma praxis através da qual buscam os / índios consciente ou inconscientemente, livram-se da dependência, domínio ou sujeição por parte dos civilizados." " Parece inegável que esses sustos contém elementos políticos bastante significativos, quando exprimem o anseio de libertação de uma população oprimida...Salvação física de uma população na mais extrema penúria alimentar e no mais negativo estado psicológico" (Idem pgs.92-93).

Citamos estes trechos de Roberto Cardoso de Oliveira, dada a sua importância para o assunto que vamos tratar e para enfatizar a importância conseguir / através de uma terra demarcada um chão para o Tikuna. Este trabalho de R.Cardoso

de Oliveira foi escrito por volta de 1962. Dez anos depois, em junho de 1972, / corria de boca em boca no Alto Solimões a notícia que, um estranho missionário / de longas vestes e com uma cruz no peito vinha descendo das margens do rio Mara- / nhão, desde Ramón Castillo (Peru), plantando cruzes e pregando idéias messiânicas. Ainda no mesmo mês de junho de 1972, apareceu na localidade de Marco, Tabatinga, o pretensu "missionário" de nome José Francisco da Cruz, que se diz natural do / Mun. de Cristina, MG. Conhecido como "Ir. José" ou "O Padre Santo", diz-se envia- do da SSma. Trindade e vem pregando a "Cruzada Apostólica Evangélica", irmandade / fundada por êle.

Proclama-se "Apóstolo dos últimos tempos" e com ameaças de castigos com supostos milagres, o anúncio do fim do mundo, a organização de procissões, / simulando a administração de sacramentos, levantando grandes cruzes em frente a / rústicas igrejas, conseguiu impressionar e fazer muitos adeptos na costa ribeiri- nha do Solimões e do Iça, levando a confusão sobretudo aos Tikunas, tradicional- mente propensos a tais movimentos messiânicos por motivos já conhecidos (veja R. Card. O.s.cit. pgs.92-103), e desorientados pelo sincretismo religioso reinante / entre eles.

Uma propaganda muito intensa, organizada por pessoas fanatizadas ou economicamente interessadas, espalhou rapidamente as idéias do "Ir. José".

- Consequências -:

a. O aparecimento de divisões nas aldeias Tikuna não se fêz esperar, / além de confusões e pressões contra as famílias indígenas que não aderiam ao mo- vimento e até contra as professoras.

b. As professoras da localidade de Vui-uataim, foram denunciadas inju- stamente no dia 11 de janeiro de 1973 ao Comando de Fronteiras do Solimões e 1º / Batalhão Especial de Fronteira, por um grupo de indígenas conduzidos pelo civili- zado, Sr. Raimundo Alves, vulgo Maracá, Diretor da Cruz e arvorado em interme- diario obrigatório entre o Tikuna e o branco para as transações comerciais. As / professoras desanimadas pelas injustas oposições e abandonadas pelas própias au- toridades, não tiveram mais condições de prosseguir no seu trabalho benemérito e foram porisso retiradas pela Prelazia, sob cuja responsabilidade atendiam ali os Tikuna. Até o momento a FUNAI não tem enviado quem as substituisse. O mesmo suce- deu no Vendaval, onde o Professor Raimundo Mafra foi expulso durante o ano esco- lar pelo "patrão", Sr. Benedito Mafra, também diretor da Irmandade da Cruz. Ain- da denúncias idênticamente absurdas, tendo os mesmos motivos básicos foram diri- gidas por um grupo de Tikuna, conduzidos pelo "Patrão", Sr. Jordão de Almeida e igualmente "Diretor da Cruz", contra as professoras de Belém do Solimões, mas / graças ao empenho do Sr. Bispo, D. Adalberto Marzi e do Pe. Arsênio, que mora naque- la localidade, as mesmas não foram substituídas. Hoje, já ninguém pensa na sua / substituição e o principal acusador indígena, superando o fanatismo que os seque- zes do Ir. José, lhe haviam impingido, tornou-se o maior defensor das professoras e um dos principais líderes a levar o seu povo a solução do problemas reais, p./ ex., a consecução de uma terra onde possam se sentir donos e livres da explora- /

ção do "patrão".

b. Muitos Tikuna por motivo das pregações do "Ir. José", deixaram de cultivar as suas roças, aguardando amedrontados ao pé das cruzes o fim do mundo. Isto ocasionou roubos na aldeia e nas roças dos demais, dividindo igualmente a / comunidade.

d. Em quase todos os povoados, de modo particular nas aldeias de Vuiuataim, Belém, e Vendaval, a saúde do Tikuna foi muito prejudicada pelas frequentes "peregrinações" em demanda do Ir. José da Cruz, para o rio Iça, tendo-se verificado nestas "peregrinações", ou por motivo delas, diversos casos fatais, sobretudo de crianças. (Da aldeia de Belém umas 5 crianças morreram em viagem e uma 35 na aldeia, onde chegaram exaustas e com forte pneumonia. Isto sem contar as / morreram nas demais aldeias, onde um atendimento por parte das enfermeiras da / Prelazia, praticamente as únicas da região, não se pôde verificar. Em Vuiuataim p. ex., morreram mais de 30 Tikuna num só mês. Ali a ação da Prelazia foi impossibilitada, pois como vimos acima as professoras sob sua responsabilidade e com / conhecimentos de enfermagem, já se haviam retirado por motivo de ameaças, falsas denúncias e até do abandono das autoridades.) Além disso nas próprias aldeias o / tratamento sanitário foi dificultado pelo fanatismo religioso. Os sequazes da / Cruz eram incentivados pelos seus "diretores" (geralmente civilizados ou mestiços) ao fatalismo por motivo do fim do mundo próximo, ou à desconfiança nos remédios fornecidos pelas enfermeiras. Todos os casos que puderam ser atendidos pela Prelazia, Missão Batista, ou FUNAI, foram salvos.

e. Tornou-se comum, além do mais, em quase toda a região, que os "patrões" e mestiços, se tornassem os líderes da nova seita, denunciando patentemente as reais intenções de domínio econômico que intentavam assim consagrar sobre os Tikuna, sem condições de se precaver contra a malícia do branco. O caso mais evidente é o de Belém, onde o Sr. Jordão, que juntamente com seu filho Leandro já respondera a processo, por motivo de abusos e maus tratos infligidos aos Tikuna, aproveitando-se do movimento da cruz, do qual se fêz "diretor", intenta agora perpetuar o seu tradicional domínio econômico sobre o Tikuna. (O Sr. Jordão já estivera inclusive preso, por motivo de abusos contra os indígenas).

Muitos índios estão endividados com o Sr. Jordão a tal ponto que ficaram totalmente dependentes do mesmo, devendo entregar todos os seus produtos / ao "patrão". É notório em toda a região o fato sucedido há pouco tempo, quando o Sr. Jordão para se desfazer, sem prejuízos econômicos de um depósito de alpercatas, convenceu os Tikuna que por ordem do "Ir. José", todos os frequentadores da Cruz, deveriam comparecer às cerimônias da Cruz, durante a Semana Santa, de alpercatas. Na ocasião um par de alpercatas chegava a custar um paneiro de farinha de mandioca, isto é, 30 kg. ou seja, aproximadamente Cr\$ 50,00.

Um outro "patrão", conhecido na região pelo nome de Birota, mora na boca do Igarapé São Jerônimo, sobre o qual mantém um bloqueio econômico. Durante a nossa estadia na região inícios de maio, correu a auspiciosa notícia de que a Marinha havia imposto o fim do bloqueio daquele Igarapé. Não pudemos averiguar / in loco a veracidade do boato.

De quando em vez, no ano passado, passava nas comunidades Tikuna, frequentadoras da cruz, um peruano de nome Henrique, sogro do "Ir. José" que recolhia grande quantidade de donativos em gêneros e em dinheiro os quais eram repartidos entre ele e os diretores da cruz. Felizmente, estes abusos também foram atalhados graças a intervenção do Exército, que proibiu as periódicas viagens do peruano ao território brasileiro.

Convém observar que as ondas de calúnias que foram promovidas pelos "patrões" contra os Freis Arsênio, Benigno e contra o próprio Bispo, D. Adalberto bem como contra as equipes de professoras das aldeias de Belém, Feijoal e Vuita-im, são uma evidente reação dos "patrões" ao trabalho da Prelazia, que, sobretudo nos últimos 5 anos, vem atalhando, sistematicamente a exploração do Tikuna/institucionalizada naquelas regiões sobre o índio, pelos supracitados "patrões". Aliás, as mesmas professoras no momento, unicamente tem condições de atuação naquelas aldeias, enquanto amparadas pela Prelazia do Alto Solimões. Os vencimentos por parte das entidades oficiais estão sempre em atraso. Quando passamos em maio pelo Alto Solimões, ainda nenhuma professora recebera vencimentos relativos ao ano em curso.

Quemos terminar estas observações sobre a situação de dominação / sócio-econômica em que vive o Tikuna no Alto Solimões, voltando a citar o estudo de Roberto Cardoso, que achamos de extrema, talvez até incômoda atualidade / para todos quantos tem alguma responsabilidade na situação e nos destinos da / dramática história do povo Tikuna, possivelmente o povo indígena mais numeroso / do país. "Não há talvez situação interétnica mais propícia para a plena fomentação de preconceito racial do que a encontrada no Alto Solimões". "O comportamento discriminatório e a proliferação de esterótipos antagônicos ao índio são simplesmente o resultado do desejo da população branca de contar com os produtos / do trabalho indígena, sem que eles, os índios, "saíam de seu lugar"... Sejam . servís, respeitadores da propriedade alheia e aceitem qualquer preço por seus / produtos. E é na base desses interesses... que devemos compreender toda a sorte de representações "raciais" manifestadas na situação de fricção interétnica" (R.C. de O. O.s.cit. pags.113-114).

A hora já vai avançada, é urgente que demos fim a esta história de / sofrimento, ouvindo o pedido dos chefes Tikuna de Belém, que é o de todos os Tikuna do Alto Solimões e dando uma solução real ao seu problema. básico. : A
T E R R A.

4. PROPOSTA DE CRIAÇÃO DA RESERVA DE "BELÉM DO SOLIMÕES"

- a) Até o momento os Tikunas não tem reserva decretada nem território demarcado algum, o que causa a situação de insegurança cujas manifestações vimos através do presente relatório e que já foram repetidas vezes descritas e previstas por estudiosos da tribo Tikuna.
- b) Evitará o aumento das tensões já existentes na área, sobretudo entre indígenas e patrões.
- c) A área acima descrita e prevista para reserva dos Tikunas, incluirá automaticamente a maior concentração populacional da Tribo em terras brasileiras, ou seja pelo menos 3.500 pessoas. (Veja Roberto Cardoso de Oliveira em "Índios e o Mundo dos Brancos" pgs. 43 e 51).
- d) Com a criação da reserva de "Belém do Solimões" se reunirão facilmente mais uns 2.000 Tikunas esparsos pelas margens do Solimões e outros igarapés da Região.
- e) A área está ainda relativamente imune de intrusos civilizados e de outros grupos étnicos. Há no momento praticamente um só grupo familiar civilizado envolvido na posse, sendo apenas quatro as famílias que ocupam pequenas porções da reserva solicitada.
- f) Além do mais, a reserva solicitada, corresponde ao núcleo do tradicional território tribal Tikuna, em terras brasileiras. (Veja Roberto C. O. "O Índio e o Mundo dos Brancos" pgs. 43 e 51).
- g) Conseqüentemente, o Tikuna se sentirá ali bem mais à vontade para o cultivo de suas tradições tribais e suas capacidades poderão ser melhor incentivadas em vista de uma mais rápida integração na sociedade nacional.
- h) Acabará igualmente com o clima de insatisfação do Tikuna com relação às autoridades.
- i) A criação da reserva de "Belém do Solimões", por parte do Governo brasileiro, não trará apenas ao Tikuna maior segurança, mas servirá igualmente de incentivo para o mesmo se transformar em autêntico soldado de fronteira, para salvaguardar a soberania do Brasil naquelas longínquas paragens.

São Paulo de Olivença, 9 de junho de 1974.

+ Adalberto Marzi

Dom Adalberto Marzi
Bispo Prelado do Alto Solimões

Fr. Arsênio Sampalmieri

Fr. Arsênio Sampalmieri
Encarregado da P.A.S. junto aos
Tikunas

Pe. Egidio Schwade
Pe. Egidio Schwade
Secretário executivo do CIMI